

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Globo

Class.: 40

Data: 9 de abril de 1973

Pg.: \_\_\_\_\_

## Sobrinho de Rondon: É muito pouco o que se faz pelos índios

Sobrinho do Marechal Rondon, com quem trabalhou, e presidente do Instituto de Colonização Nacional, o General Frederico Augusto Rondon acha que "o que vem sendo feito pelo índio brasileiro está muito aquém do que se deseja". No seu entender o que "os antropólogos da Funai querem não é o bem do índio, mas um campo de estudo que possam usar a qualquer momento".

— Claro — diz ele — que o Marechal Rondon não resolveu o problema dos índios brasileiros: a obra era tão grande que não poderia caber a uma só geração. É preciso que haja continuidade, é necessário que se delineie uma política que se possa executar no mais curto prazo possível e não discutir se o índio deve ser isolado ou integrado.

Para o General Frederico Augusto Rondon, o que falta à Funai é organização, "é ter diretrizes políticas que correspondam à sua missão e acabar com essa liberalidade de discussão que está havendo".

### O Instituto

O Instituto que ele preside foi fundado há 29 anos pelo Marechal Rondon. Em 1947 foi considerado de utilidade pública, mas não recebe subvenção. Quando era Ministro do Interior o General Albuquerque Lima, a entidade colaborou no projeto de fundação da Funai.

— Nós mantemos interesse pela obra do Marechal Rondon que é um prolongamento da Comissão Rondon e zelamos pela doutrina rondoniana, cujo lema é "pacificar os índios, trazendo-os à civilização".

No recente simpósio sobre os Cintas Largas, o sertanista Apoena Meireles afirmou que "o índio não tem futuro porque a Funai não está preparada para cumprir suas atribuições".

— Nas mãos dele — diz o presidente do Instituto de Colonização Nacional — o índio não tem futuro mesmo. São 36 antropólogos vivendo às custas dos índios e negando até mesmo o mérito da obra missionária, o que demonstra desconhecimento dos problemas indígenas. O problema não é de antropologia, mas de incorporar o índio à comunhão nacional. O que eles querem é formar quistos raciais no sertão para que tenham campo de estudos. Preferem até escrever as palavras indígenas usando as letras W, Y e K, da convenção de Genebra, e deixando de lado nossa convenção acadêmica.

O General vê nessa atitude "um sentido sutil de excluir o índio da comunhão nacional, dificultando sua integração".

Ele estranha "as frases de estudiosos que andam por aí", como "preservar a cultura do índio" e "integrar o índio à civilização".

— São duas atitudes contraditórias. No momento em que se oferece um machado a um índio, já está alterada sua cul-

tura. Essas frases deveriam ser esclarecidas, para não gerar tanta confusão. Aliás, a Constituição do País pôs fim a todas essas fantasias, de que tanto gostam os antropólogos, quando definiu com clareza: "cabe à União legislar no sentido da incorporação dos silvícolas à comunhão nacional".

### Salesianos

Quando trabalhou sob as ordens do seu tio, de 1930 a 1933, na demarcação das fronteiras do Brasil com a Colômbia, o General Frederico Augusto Rondon conheceu a obra que os salesianos executam em benefício dos índios às margens do rio Uaupés, onde estavam em atividade, aquela época, três funcionários do então Serviço de Proteção aos Índios.

— Há muito tempo que nenhum funcionário aparece por lá para dar assistência aos índios. Ao que me parece, a Funai é a grande ausente. Como a população indígena duplica a cada período de dez anos, é possível que haja lá uns 25 mil índios quando a Perimetral cortar a região. É possível também que as aldeias já esteja então com água encanada e luz elétrica, dois benefícios que os índios vêm reivindicando há muito tempo junto aos salesianos.

### Todos têm contatos

O General Frederico Augusto Rondon não acredita que haja no Brasil tribos que jamais tiveram qualquer contato com os civilizados. Sua convicção se baseia em dois fatos. Um deles, relatado por Couto Magalhães, ocorreu em 1867, em Mato Grosso: durante um atrito entre brancos e índios, uma índia que enfrentava um grupo agressor gritou em tupi: "Até no dia de Nossa Senhora, seus ímpios?" Era o dia 8 de dezembro.

O outro ocorreu após a pacificação dos Parintintins, às margens do Baixo Rio Madeira. Os funcionários dos seringais levaram um grupo de índios para visitar a cidade e, no caminho, foram mostrando as barracões que os índios haviam incendiado, em luta com os brancos. Um dos índios falou em tupi para os seringueiros: "Nós só atacamos porque vocês atiravam sempre que nos viam".

Para o General Frederico Augusto Rondon, o revide, no caso, é característico de quem já teve contato com a civilização. Ele acha que os Kraimá-Kore devem ter tido algum contato com a civilização, são sociáveis e praticam a guerra, que é característica dos civilizados.

O Instituto que ele preside mantém numa gleba à margem da Cuiabá-Santarém seringais nativos e campos de criação. O empreendimento, ainda no início, depende de recursos "difíceis de conseguir junto aos órgãos oficiais", segundo o General Frederico Augusto Rondon.